



INFINITUM

ISSN: 2595-9549

Vol. 8, n. 17, 2025, 1 - 24

DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v8n17e26371>

Rodrigo S. M. e o sujeito neurótico: da obsessão pela palavra a invenção de Macabéa

Jéssica de Sousa Rabelo

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: jessicasousarabelo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0882-4886>

Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

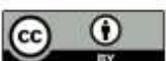
E-mail: iranildecosta@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6103-9289>

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da construção psicológica de Rodrigo S. M., narrador-personagem da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. A partir dos postulados freudianos sobre a neurose e das concepções lacanianas a respeito da relação do sujeito com a linguagem, busca-se compreender como a malha narrativa se estrutura a partir das afetações subjetivas do narrador na concepção da personagem Macabéa. A metodologia dessa pesquisa é qualitativa e partirá da revisão bibliográfica, tomando como ponto de partida as contribuições de autores de destaque nas áreas ora ressaltadas. Como principais aportes teóricos destacamos os estudos de Freud (2006, 2010, 2004), Lacan (1985), Tepperman (1999) e Rancière (2009). A análise revela que Rodrigo S. M. projeta em Macabéa elementos de sua própria angústia, evidenciando uma tentativa de elaboração simbólica de seu sofrimento psíquico por meio da escrita. Assim, a personagem emerge não apenas como objeto de ficção, mas como reflexo e sintoma do narrador, cuja construção evidencia o entrelaçamento entre escrita, linguagem e subjetividade.

Palavras-chave: *A hora da estrela*; Clarice Lispector; Rodrigo S. M.; Sujeito do desejo.

Rodrigo S. M. and the neurotic subject: From Obsession with the Word to the Invention of Macabéa



Abstract: This study proposes an analysis of the psychological construction of Rodrigo S. M., the narrator-character of Clarice Lispector's novel *The Hour of the Star*. Drawing on Freudian theories of neurosis and Lacanian conceptions regarding the subject's relationship with language, the research aims to understand how the narrative fabric is structured through the narrator's subjective affections in the creation of the character Macabéa. The methodology adopted is qualitative, based on bibliographic review, taking as its starting point the contributions of key authors in the aforementioned theoretical fields. The main theoretical references include the works of Freud (2006, 2010, 2004), Lacan (1985), Tepperman (1999), and Rancière (2009). The analysis reveals that Rodrigo S. M. projects onto Macabéa elements of his own anguish, evidencing an attempt at symbolic elaboration of his psychic suffering through writing. Thus, the character emerges not merely as a fictional creation, but as a reflection and symptom of the narrator himself, whose construction highlights the entanglement between writing, language, and subjectivity.

Keywords: *The Hour of the Star*; Clarice Lispector; Rodrigo S. M.; Subject of desire

Rodrigo S. M. y el sujeto neurótico: de la obsesión por la palabra a la invención de Macabéa

Resumen: Este trabajo propone un análisis de la construcción psicológica de Rodrigo S. M., narrador-personaje de la novela *La hora de la estrella*, de Clarice Lispector. A partir de los postulados freudianos sobre la neurosis y de las concepciones lacanianas respecto a la relación del sujeto con el lenguaje, se busca comprender cómo se estructura la trama narrativa a partir de las afecciones subjetivas del narrador en la creación del personaje Macabéa. La metodología adoptada es cualitativa, basada en una revisión bibliográfica, tomando como punto de partida las contribuciones de autores clave en los campos teóricos mencionados. Los principales referentes teóricos incluyen los estudios de Freud (2006, 2010, 2004), Lacan (1985), Tepperman (1999) y Rancière (2009). El análisis revela que Rodrigo S. M. proyecta en Macabéa elementos de su propia angustia, lo que evidencia un intento de elaboración simbólica de su sufrimiento psíquico a través de la escritura. Así, el personaje emerge no solo como una creación ficticia, sino como un reflejo y síntoma del propio narrador, cuya construcción pone de manifiesto el entrelazamiento entre escritura, lenguaje y subjetividad.

Palabras clave: *La hora de la estrella*; Clarice Lispector; Rodrigo S. M.; Sujeto del deseo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No vasto panorama de autores que compõem o cenário literário brasileiro, Clarice Lispector (1920-1977) destaca-se como uma das vozes mais enigmáticas e provocativas do século XX. Nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira, a escritora que se autodeclarava pernambucana era dotada de uma linguagem singular que

equilibrava seus posicionamentos políticos acerca das questões sociais e a exploração complexa psique humana. Ao longo de trinta e três anos de carreira, Lispector publicou 19 obras, dentre romances e coletâneas de crônicas e contos, com as quais se tornou bastante popular. Entretanto foi com *A Hora da Estrela* que Clarice firmou-se dos maiores nomes da literatura nacional ao apresentar uma narrativa intrincada que transcendia as fronteiras das literaturas convencionais.

Publicado no ano da morte de Lispector em 1977, *A Hora da Estrela* reúne as principais características da escritora. Em primeiro plano, assume um tom existencial, convidando o leitor a questionar a natureza da vida e o significado de existir no mundo. Mas o enredo não deixa de mergulhar nas questões sociais, evidenciando o racismo da sociedade brasileira do XX ao pôr em xeque “as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (Lispector, 1981, p. 25). *A Hora da Estrela* narra a vida de Macabéa, alagoana pobre e órfã que migra para o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades, mas que termina por sustentar-se em um subemprego no campo da datilografia. Aparentemente inconsciente da própria miséria, a nordestina emudece diante das violências materiais e simbólicas que vivência ao logo da trama. Nos atos finais, visita uma cartomante que lhe promete um futuro melhor repleto de riquezas e amor. Mas ao sair do estabelecimento é atropelada por um carro e, no curso de sua morte, Macabéa finalmente dá-se conta que sua existência foi miserável.

Uma leitura superficial de *A Hora da Estrela* pode sugerir que Lispector almeja elucidar uma história simples em torno do desamparo. Macabéa é solitária, não conhece amigos e nem sente o verdadeiro amor. Morre sem nunca ter realmente vivido. Entretanto, a decodificação mais apurada do texto revela-nos que também há, por parte da autora, preocupação em mostrar como a construção identitária se dá em relação ao Outro. Isto, porque para construir a jovem, Clarice realiza a obra através de um olhar masculino, Rodrigo S. M. que, por sua vez, irá competir com a datilógrafa pelo protagonismo do texto.



Diante do exposto, o presente artigo visa discorrer sobre a maestria de Clarice Lispector ao construir a subjetividade de Rodrigo S. M. como profundamente marcada por questões psicológicas em torno da sua construção enquanto sujeito. O objetivo será mostrar como o narrador de origens nordestinas sente-se rejeitado por aqueles que acredita ser seus pares sociais e, por esse motivo, “inventa” a personagem Macabéa como inócua de corpo e espírito a fim de buscar a atenção da burguesia com seu texto.

É importante salientar que *A Hora da Estrela* está longe de ser ignorada pela Fortuna Crítica uma vez que é considerada como um marco no cenário literário brasileiro. Por esse motivo, a obra e seus variados aspectos desfrutam de diversas análises por parte dos pesquisadores das áreas das letras e afins. No entanto, uma grande parcela dos artigos que almejam estudar Rodrigo S. M. tendem a se debruçar sobre expressão de cunho autoral do como extensão da própria Clarice Lispector¹ elencando como a autora utiliza o personagem para questionar o papel do escritor.

Em contrapartida, neste trabalho lançaremos um novo olhar sobre a posição do narrador perante a obra. Por esse motivo, desvincularemos Rodrigo S. M. de Clarice Lispector, entendendo-o como um personagem individual que – no contexto da própria obra – é capaz de formular suas próprias conjecturas.

Para alcançarmos nossos objetivos tomaremos como ponto de partida os estudos de Brait (1985) acerca do estudo das personagens na Teoria Literária. Em seguida abordaremos os conceitos de Freud (1915:1923) e Lacan (1823) sobre a construção do sujeito, sua relação com o outro, o significado do inconsciente e, por fim, a ideia do recalque.

¹ Em *Clarice Lispector, Rodrigo S. M e Macabéa: No limiar da ficção*, de Rosana Rodrigues, por exemplo.

A NEUROSE EM RODRIGO S. M: a construção do personagem a luz da psicanálise do sujeito de Freud e Lacan

De forma notável, a maneira que estudamos literatura passou por grandes alterações no decorrer do século XX, principalmente se comparada aos modelos clássicos que vigoraram nos períodos antecedentes. Para Brait (1985, p. 48) essa mudança ocorreu em paralelo com as transformações dos textos poéticos após o modernismo pois emergiu nos teóricos literários um sentimento de urgência que provocou “uma violenta reação contra o factualismo das indagações biográficas e das pesquisas de fonte”. Em outras palavras, tornou-se necessário buscar uma abordagem atualizada das obras literárias que não seguissem apenas o cunho biográfico, principalmente em favor das personagens da ficção. Assim, surgiram novas teorias que colocavam o personagem como sujeito operante da narrativa alinhando-os às contribuições oferecidas por outras áreas do conhecimento como a semiótica, semiologia, sociologia e psicanálise.

Brait (1985) ainda observa que, nos novos horizontes permitidos pela Teoria Literária, as personagens auferiram certa autonomia sendo classificados de modos variados dependendo de sua posição na trama. Isto, por que os autores passaram a observar que elas não apenas interagiram entre si como também atuavam uma sobre as obras, tornando-se agentes da ação capazes de perseguir as situações conflituosas seja adornando-se a elas ou mesmo confrontando-as. Nas palavras da autora: “ao encarar a personagem como ser fictício, com forma própria de existir, os autores situam a personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la” (Brait, 1985, p.52).

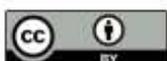
Nesse contexto, as personagens de ficção tornam-se entidades e existem plenamente no universo estipulado pela obra. Os autores cuidadosamente elaboram as personagens para influenciar a narrativa, de modo que não devemos pensar neles



como escolhas vazias tomadas pelo acaso. Por esse motivo, sendo criações imaginárias, podemos absorvê-los como seres independentes dotados de características e histórias próprias.

De forma similar ao pensamento de Brait (1985), o discurso literário construído por Clarice Lispector em *A hora da estrela* é caracterizado pelas influências dos personagens na malha narrativa principalmente pela posição do narrador perante o texto. Se no título da obra a autora tenta nos convencer que de imediato acompanharemos os passos da protagonista, logo nas primeiras linhas subverte as expectativas apresentando-nos um relator que prontamente cria barreiras entre o leitor e a datilógrafa: Rodrigo S. M. desloca Macabéa do centro textual enquanto toma tempo para explicar sua própria persona e os motivos que lhe levaram a contar a vida dessa mulher. Dessa forma, Lispector força uma narrativa mutilada pelo olhar do masculino que, por sua vez, enche-se de ironias, e exige que o conheçamos sua pessoa antes mesmo de Macabéa, principalmente por considerar-se tão importante quanto ela: “Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro” (Lispector, 1981, p. 23)

Destarte, Clarice Lispector cuidadosamente deixa bastante claro quais as atitudes que o narrador-personagem irá seguir. Rodrigo S. M. entende-se como senhor da história. Desse modo, torna-se capaz de conjecturar fatos e, conseqüentemente, se torna um dos principais agentes para o desenrolar da trama. Assim, Lispector enriquece a obra sutilmente apontando as marcas psicológicas do narrador que aparecerão de forma constante ao longo do texto. Pois a partir da modulação de Rodrigo enquanto sujeito que a subjetividade de Macabéa será apresentada. E embora ele não seja um participante direto das ações contextuais da trama também está muito além de ser onisciente e contemplativo.



Não obstante, no campo da psicanálise compreender a constituição do indivíduo enquanto sujeito significa que precisamos analisar como se dá sua relação com o Outro. Um humano ao nascer encontra-se em um mundo pré-existente preenchido pelas regras da sociedade. Dessa forma, o sujeito será moldado pelo mundo pois suas experiências de vida e relacionamentos interpessoais terão papel fundamental na formação de seu caráter psicológico. Por esse motivo, para psicanálise um sujeito deve ser pensado como um **sujeito do desejo** (Teperman, 1999).

As apreciações acerca do sujeito do desejo sugerem que o desenvolvimento psicológico de um indivíduo tem suas bases amarradas nas relações interpessoais que irá desenvolver ao longo da vida. No campo psicanalítico, Freud (2010) e Lacan (1985) consideram o inconsciente e o desejo como essenciais na formação do sujeito, muito embora suas ênfases teóricas sejam distintas. Para Freud (2010) o inconsciente é modelado pela falta, ou seja, pela impossibilidade de realizar plenamente seus desejos levando-o a busca permanente de completude. Dessa forma, a infância será essencial na formação psicológica, pois é nessa fase que a criança aprende os modos socialmente corretos de satisfazer suas necessidades. Por outro lado, Lacan (1985) expande o trabalho de seu antecessor também considerando os moldes sociais na formação do inconsciente. Entretanto, para este, o ser humano só será marcado pela entrada na ordem simbólica, ou seja, pelo domínio de linguagem e cultura compartilhadas. Por esse motivo o desejo estará relacionado a falta estrutural da identidade e a busca de completude expressa na tentativa dele se reconhecer no campo simbólico em contraposição ao Outro.

De forma similar, ambos autores reconhecem a importância das relações interpessoais na formação psicológica e, de forma bastante curiosa, as duas perspectivas também podem ser vistas no contexto da obra aqui estudada.

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector não mede esforços para enfatizar a necessidade de Rodrigo de aprovação por aqueles que julga seus pares – homens das



classes mais altas da sociedade fluminense. O narrador constantemente indica sua alienação social admitindo desgosto acerca de seu isolamento: “Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim” (Lispector, 1981, p. 28).

Ao enfrentar resistência e rejeição de todas as classes, Rodrigo transparece uma vida social amarga pela solidão. Todavia é curioso perceber como Lispector encadeia as palavras, atribuindo-lhes significados ocultos que podem desvelar o personagem tanto como sofredor, quanto como agente causador das marginalizações: a classe alta o tem como monstro derivado de sua falta berço; a classe média enxerga-lhe como potencial ameaça visto sua ascensão monetária; e a classe mais baixa nunca vêm a ele em virtude da barreira social por ele mesmo estipulada. Esta terceira interpretação torna-se possível quando, no momento seguinte, Rodrigo alude ao que precisa fazer para se pôr ao nível de Macabéa:

para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina (Lispector, 1981, p. 29)

Para estabelecer alguma compreensão sobre a existência de Macabéa, Rodrigo julga necessário experimentar condições deploráveis para aproximar-se daquelas que acredita serem vivenciadas pela moça. Sem esse artifício, jamais conseguiria chegar ao nível da nordestina aludindo ser um homem distinto. A conclusão natural disto é que o narrador se sente superior a Macabéa e, por tabela, a todas as pessoas que são da mesma classe. Por esse motivo, recusa-se a confraternizar com a classe mais baixa criando as barreiras imaginárias ressaltadas anteriormente.

Em contraposição, é indispensável comentar como que Rodrigo nunca deixa claro seu local de nascimento, mas observa que sua infância teria sido no

Nordeste e que isto lhe dá todas as ferramentas para compreender a situação de Macabéa:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos. (Lispector, 1981, p.23)

Diante do trecho ressaltado, podemos inferir alguns pontos essenciais para a compreensão da composição psicológica de Rodrigo enquanto sujeito do desejo. Em primeiro plano e assim como previamente citado, as mais altas esferas da sociedade carioca lhe enxerga como alguém monstruoso ou ameaçador impondo-lhe uma existência marginal. Rodrigo descontenta-se com isso almejando a ascensão social – e como tal desconta sua frustração rebaixando as classes mais baixas. De outra parte, Macabéa é fruto de sua imaginação e tem sua existência pautada naquilo que Rodrigo acredita ser a realidade concreta.

Expliquemos melhor: de acordo com a citação, Rodrigo informa-nos que a narrativa não é inventada, ou pelo menos não totalmente. Na verdade, a personagem Macabéa é o retrato de uma moça – presumivelmente nordestina – que ele encontrou casualmente em uma rua do Rio de Janeiro. “Presumível”, pois muito embora Rodrigo trate-a como tal, em nenhum outro momento revela tê-la encontrado pessoalmente além deste. Pelo contrário, explicita que não a conhece: “sequer sei o nome da moça” (Lispector, 1981, p.28). Assim sendo, tudo que o narrador conta sobre ela é fruto de suas próprias ideias, a projeção de uma vida pregressa.

Todavia, ao contrário do que se possa considerar, isso não significa que Macabéa não exista em alguma instância. Enquanto no contexto da teoria literária Rodrigo é real para o crítico que analisa a obra de Clarice Lispector, no universo de *A hora da estrela* Macabéa é uma personagem fictícia igualmente real para Rodrigo. Contudo, devemos considerar o segundo como autor da primeira: **ele** é seu deus

criador e, como efeito, a realidade que cerca **a ela** é na verdade aquela seu genitor acredita **verdadeira**. Isso significa que as considerações de Rodrigo sobre Macabéa serão produto de sua mente, do contexto absorvido na infância e nos traumas experimentados quando adulto.

Não longe disto, a psicanálise freudiana fomenta a ideia que a constituição psicológica do sujeito está amarrada ao que ele vivencia na infância e reverberaram ao longo de toda vida adulta. Para Freud (2010), o sujeito constitui no seu interior psíquico uma realidade particular que pode se expressar por meio de fantasias ou sonhos. Utilizando-se do método verbal para associações livres, ideias, emoções e imagens, o psicanalista observou que seus pacientes, ao catalogarem seus pensamentos, faziam a seleção a partir do que achavam mais importante associando-os aos traumas do passado. Essas associações, levaram o psicanalista a constatar que encadeamento de ideias em torno dos sonhos não acontecia de forma singular, mas eram resultado de pensamentos profundos e adormecidos provenientes da área cerebral que chamou de inconsciente:

Por um lado, o inconsciente abrange atos que são apenas latentes, temporariamente inconscientes, mas que de resto não se diferenciam em nada dos conscientes, e, por outro lado, processos como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, contrastariam da maneira mais crua com os restantes conscientes. (Freud, 2010, p. 80)

Freud (2010) chama atenção para a dualidade ao qual o inconsciente está submetido. Por um lado, o autor destaca a existência de ações ou pensamentos que podem vir à tona temporariamente, por meio de perturbações psíquicas por exemplo. Pode-se interpretar isso como uma sugestão que há pensamentos que não estamos conscientes o tempo todo, mas que quando emergem não parecem estranhos ou distintos do que normalmente reconhecemos como parte de nossa consciência. De outra parte, existem processos reprimidos, que são partes do inconsciente e que estão ativamente sendo impedidos de se tornarem conscientes.



Entretanto, para que possamos compreender a natureza dessas repressões é necessário explorar outro conceito da psicanálise freudiana acerca dos campos cerebrais.

Posterior aos estudos sobre o inconsciente, Freud (2006) afirmou que a psique humana esta compartimentalizada em três grandes áreas denominadas **ego**, **superego** e **id**. Em linhas gerais essas estruturas são responsáveis por controlar diferentes processos em torno das energias **pulsonais**, primordiais, à qual todos os humanos estão sujeitos. De forma bastante simplificada, o autor considera que um indivíduo em um estado normal tem o **ego** como ponto de equilíbrio pois este é responsável por satisfazer os desejos sem sucumbir aos instintos animais impulsos pelo **id**. Ao mesmo tempo, sua persona ideal – o **superego** – não será capaz de impedir todas as ações do sujeito por medo de reprimendas, uma vez que este é responsável por internalizar as normas morais daquilo que é aceitável ou inaceitável.

Contudo e conforme anteriormente citado, Freud (2006) denota que perturbações cotidianas podem levar o indivíduo a desenvolver um estado psíquico debilitado, ou seja, patológico, promovendo desequilíbrio àquelas três áreas. Logo, o sujeito desenvolverá neuroses que desencadeará manias e até mesmo um senso distorcido de realidade.

Não obstante, Freud (2004) explica que os sentimentos inconscientes podem se tornar conscientes por intermédio do **recalque**. O autor explica que quando o superego impõe restrições ou críticas a certos desejos do **id**, o recalque surge como uma resposta neurológica para evitar conflitos psíquicos intensos. Entretanto, é importante ressaltar que na psicanálise freudiana, o recalque não é uma neurose em si, mas um mecanismo de defesa que pode contribuir para a formação de uma. Isto, porque o recalque nasce junto ao superego à medida que o sujeito vai compreendendo as normas sociais e pode ser dividido em dois estágios:

Temos razões para supor que exista uma primeira fase do recalque, um *recalque original*, que consiste em interditar ao representante [*Repräsentanz*] psíquico da pulsão (a sua representação mental [*Vorstellung*]) a estrada e admissão no consciente. Esse recalque estabelece então uma *fixação*, e partir daí o representante em questão subsistirá inalterado e a pulsão permanecerá a ele enlaçado [...].

A segunda etapa do recalque, o *recalque propriamente dito*, refere-se a representações derivadas do representante recalçado ou ainda àquelas cadeias de pensamento que, provindos de outros lugares, acabam estabelecendo ligações [*Bziehungen*] associativas com esses representantes. Devido a essa ligação tais representações sofrem o mesmo destino do recalçado original (Freud, 2004, p. 178).

Em termos mais simples, a primeira fase do recalque ocorre quando o representante psíquico de um desejo é bloqueado criando uma fixação no inconsciente. Entretanto, quando o recalçado associa o impulso a outras ideias, provindas de outras partes da mente estabelecendo ligações associativas, o recalque torna-se uma experiência traumática desequilibrando a psique do indivíduo. Dessa maneira, podemos compreender o recalque como um processo do inconsciente, ao qual a energia psíquica buscará se expressar de outra forma, por exemplo, através dos pensamentos obsessivos.

No que tange a construção do sujeito Rodrigo S. M., mais uma vez podemos considerar como o texto de Clarice aproxima-se das considerações do psicanalista austríaco. Observemos o seguinte trecho:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobre e **não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado** e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, **eu morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos.** Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. **E agora só quereria ter o que eu tivesse sido e não fui** (Lispector, 1981, p.30 – grifos nossos)

Emocionalmente perturbado, Rodrigo considera que não há mais lugar para si “na terra dos homens” e escrever torna-se uma obsessão promovida pelo desespero de ser parte importante do universo. Isto, porque mesmo que a priori pareça estar

preparado para sair pela tangente, contradiz a afirmação nas frases seguintes elucidando o desejo de ser aquilo que não foi, sugerindo um anseio por oportunidades diferentes ou escolhas que lhe foram negadas. Nesse sentido, o encontro com a moça e a percepção de um “sentimento de perdição” (Lispector, 1981, p. 23) foram os momentos derradeiros para a perturbação da psique de Rodrigo. Os períodos vivenciados na infância estendidos na vida adulta emergiram ao consciente desencadeando a neurose obsessiva pela escrita que o personagem degusta ao longo da trama.

De forma complementar aos estudos de Freud, Jácques Lacan também realizou uma abordagem acerca do recalque, entretanto, enfatizando a importância da linguagem na constituição do sujeito que muito se aproxima ao sujeito clariciano aqui estudado.

Para Lacan (1985) o inconsciente não é apenas um depósito de desejo e memórias reprimidas, como Freud propôs, mas sim estruturado e delimitado pela linguagem, campo de ordem simbólica em que estão todos os aspectos culturais. Ao nascer, o ser humano já está em uma estrutura pré-existente que determina sua posição no universo. Dessa maneira, o desamparo biológico atrela-se ao desamparo simbólico uma vez que o sujeito carece de um significante que o funde. É apenas no contexto da palavra, conhecendo as regras sociais através dela, que o sujeito do desejo consegue estruturar-se enquanto indivíduo e finalmente se reconhecer perante o Outro. É nesse contexto, que o autor considera o surgimento do recalque:

O que é o recalque para o neurótico? É uma língua, uma outra língua que ele fabrica com seus sintomas, isto é, se é um histérico ou um obsessivo, com a dialética imaginária dele e – do outro. O sintoma neurótico desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque. É justamente aquilo que nos faz ver claramente que o recalque e o retorno do recalcado são uma só e mesma coisa, o direito e o avesso de um só e mesmo processo (Lacan, 1985, p. 75).

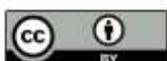
Diferente de seu antecessor, Lacan (1985) considera o recalque como uma neurose que fabrica sintomas através da língua permitindo que aquele venha à tona. O autor não considera que o recalque e o retorno do recalcado são processos diferentes, mas sim significados inconscientes que não são expressos ou articulados na linguagem simbólica: o que não é dito ou não pode ser simbolizado é muitas vezes reprimido. O recalque não é apenas uma questão de reprimir desejos, mas envolve a inserção desses desejos em estruturas simbólicas.

Retornando ao texto de Lispector, faz-se importante ressaltar como Rodrigo S. M. considera a ideia da palavra aludindo sua importância na formação do universo. No parágrafo de abertura de *A hora da estrela*, S. M. afirma: “**Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida.** Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e **havia o nunca e havia o sim. Sempre houve.** (Lispector, 1985, p. 30 – grifos nossos). Rodrigo considera a palavra como um ato fundador de máxima importância na construção do significante da obra e por tal motivo, logo irá se sinalizar como umas personagens mais importantes da narrativa.

Rodrigo torna-se obcecado pela linguagem, pela palavra, e por todo simbolismo que esta possui. Sente-se como um deus ao entender que “essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu” (Lispector, 1981, p. 29). Logo, é por meio de Rodrigo que datilografa torna-se verdadeira e é partir do narrador que o leitor pode construir a subjetividade de Macabéa.

MACABÉA SOB O OLHAR RECALCADO DE RODRIGO

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector compõe um texto majoritariamente descritivo que se desenlaça a partir da relação simbiótica entre Rodrigo S. M. e

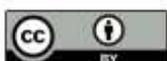


Macabéa que, por sua vez, precisa ser analisada com bastante cautela visto o texto intrincado produzido pela autora.

Paulo César Lopes (2018) alerta-nos que a narrativa é triádica estabelecendo-se em torno de três pilares: Rodrigo S. M., Macabéa e a própria Clarice Lispector. Entretanto, o pesquisador denota para o fato que não devemos considerar os dois primeiros como heterônimos da autora. Em vez disto, precisamos compreender que a obra se funda através de um jogo de alteridades tecido por dois fios em que de um lado está a relação entre Rodrigo. e Clarice Lispector e do outro a dinâmica entre S. M. e Macabéa.

Em favor do primeiro ponto, Lopes (2018) informa-nos que a afinidade entre a autora e o narrador revela-se por meio de uma dimensão intuitiva caracterizada por uma simulação profética de “alguém que passa a olhar para o mundo a partir da face que se releva” (p. 134). Em outras palavras, muito embora por vezes as vozes de Lispector e Rodrigo transformem-se em uma só, não devemos esquecer que este segundo é, em realidade, uma invenção da autora. S. M. é um espelho convexo de Lispector que não a reflete igualmente, mas revela pensamentos ampliados pelas suas notórias distinções de gênero e classe.

Não obstante é a partir do primeiro fio que aparecerá o segundo, ou seja, a relação entre Rodrigo S. M. e Macabéa, conforme anteriormente citado. Ao criar um narrador-personagem cuja as marcas que distintivas de si mesmas são tão enunciadas que Lispector permitirá ao Rodrigo que atravesse toda a narrativa projetando-se acima de Macabéa com divagações acerca de sua persona e posição perante o texto. Nesse cenário, a construção será metafísica provocada por um duplo sentimento de alteridade ao qual, em primeiro plano, Clarice Lispector está face a face com Rodrigo que, por sua vez, está face a face com Macabéa. Dessa maneira, a escolha do narrador não é leviana, mas milimetricamente pensada para que as marcas que distinguem



Clarice de Rodrigo sejam ser primordiais para entendimento da construção subjetiva de Macabéa pelo narrador ofertada.

Conforme anteriormente mencionado, ao conjecturar um texto majoritariamente descritivo, Clarice Lispector utiliza esse mecanismo para proporcionar ao narrador um maior espaço na trama, diminuindo o volume dos diálogos e focalizando os próprios pensamentos. Assim, mesmo quando Macabéa toma a palavra ou realiza a ação, pouquíssimas vezes sua voz consegue ser realmente ouvida pois é abafada pelos ruídos do autor:

Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor– no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intetrocamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia? Pergunto-me também como é que eu vou cair de quatro em fatos e fatos. (Lispector, 1981, p.31)

A interação simbólica entre Rodrigo e Macabéa deixa claro que mesmo nos momentos onde a nordestina deveria estar centralizada, o narrador prefere se sobrepor a ela expiando seus próprios anseios e até mesmo os “tambores rufam” para a entrada do personagem principal. Ao mesmo tempo em que a datilografa não dispõe tempo ou necessidade de entender a si mesma, o autor manifesta seu medo de pelos fatos que estão por vir.

Dessa maneira, Rodrigo segue mostrando a personagem aos poucos permitindo que o leitor elabore retratos mentais acerca da personalidade de Macabéa a partir daquilo que ele mesmo deseja estabelecer. O receptor é impossibilitado de formar opinião sobre os pensamentos da datilógrafa pois estes mal existem ao longo da trama. Consequentemente, o emudecimento da personagem Macabéa não pode ser atribuído apenas a uma natureza própria, mas deve entendido ser um resultado do próprio ato de narrar.

No contexto da teoria literária, a inferioridade da datilografa através da mudez é consistente em ilustrar a convivência entre o saber e o não saber, o dito e o

não dito. Em *O inconsciente estético*, Jacques Rancière (2009) concebe que a ideia de mudez pode ser distinguida de duas maneiras. A priori mudo significaria algo opaco, ou seja, uma fala fragmentada incapaz de atingir a comunicação plena, concernente a concepções vazias e sem sentido. De outra parte, mudo também poderia ser denotado como uma alocação silenciosa ou inaudível, referindo-se à deficiência de discurso ou incapacidade de articular, capaz de ser interpretado literalmente como ausência física da voz ou metaforicamente como na exclusão social que impede certos grupos de serem ouvidos.

Dentro da obra *A hora da estrela* faz-se curioso intuir como ambas as proposições de Rancière são concernentes a malha narrativa muito embora intencionalmente marcadas de formas variadas pelo narrador-personagem. De forma preliminar, Rodrigo parece querer impingir ao leitor uma Macabéa inócua de sentido, várias vezes referindo-se a ela como “oca” ou “burra”. Entretanto, abaixo da superfície textual, o discurso do narrador irá se revelar como próximo da segunda proposição de Rancière, pois torna-se notável como a personagem não é muda, mas sim **emudecida** tanto pelas circunstâncias que vive quanto pelo próprio narrador que, em realidade, é seu deus-criador:

Quem sabe se Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela era à-toa na cidade inconquistável. O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta. Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge — como se foge da dor — em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda. (Lispector, 1981, p. 83)

Frente ao trecho destacado, Rodrigo mostra-nos uma Macabéa socialmente afastada que não consegue se sobrepular a sociedade carioca permanecendo emudecida mesmo que esteja em sofrimento. Entretanto, muito embora S. M. seja o inventor da história, o narrador prefere considerar o “Destino” como responsável pelo sofrimento da datilografa ignorando seu papel enquanto inventor da história. Nesse cenário – e considerando o que foi postulado no tópico anterior acerca da neurose de

Lacan (1985) –, se faz evidente o caráter por detrás das intenções do narrador. Enquanto sujeito recalcado, Rodrigo torna-se obcecado pela palavra pois é através dela que fabrica suas fantasias dando-lhe formas e tornando-as verdadeiras. Como migrante nordestino que almeja ser reconhecido como sujeito carioca e compreendendo a linguagem como algo de suma importância na criação da vida, impedir Macabéa – sua invenção – de acessar a palavra não somente significa colocá-la numa posição inferior derivada de sua condição origem, mas também a impede de se tornar tão grandiosa quanto ele. Em outras palavras, se Rodrigo vê-se como um deus (e isto por si só revela sua megalomania), apenas *ele*, o ser superior em todos os aspectos, poderá ter acesso a chave da onipotência.

É importante salientar que a autoafirmação de Rodrigo como divino não é apenas um resultado da análise crítica das entrelinhas da obra. Muito embora isto possa ser evidenciado com maior frequência por debaixo da tessitura textual, em vários momentos texto, o narrador trata-se como um deus, ou, pelo menos, busca aproximar-se da divindade: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação” (Lispector, 1981, p. 41). Como consequência disto, Rodrigo transita pelo texto de forma egocêntrica: mesmo que seu desejo sumário de contar a saga de Macabéa, passa a maior parte do tempo utilizando seu poder para se manter constante na narrativa; as suas questões – quase sempre – serão mais fortemente evidenciadas ao longo da trama.

No entanto, é curioso observar como esse poder manifesta-se na história de maneiras contrapostas. Se em uma instância Rodrigo é o senhor das ações de Macabéa e a ama por isto, em outro momento sente-se incapaz de modificar sua trajetória.

Em primeiro plano, conceber S. M. como autor de Macabéa é também considerar que as ações desta são um resultado direto da forma como o narrador compreende o mundo. A partir do contexto prévio da obra podemos ser categóricos ao afirmar que Clarice Lispector não escolheu Rodrigo de forma aleatória. Sendo

imigrante e autodeclarada nordestina, a autora, que também era casada com um diplomata, encontrava-se em posição singular no cenário brasileiro do século XX. Não obstante, muito embora afirme que uma mulher seria inadequada para descrever Macabéa pois poderia “lacrimejar piegas” (Lispector, 1981, p.31), a própria ênfase no gênero deixa claro seu incômodo com a condição de autoria feminina no meio social. Assim sendo, optar por um narrador masculino é, na verdade, um engenhoso mecanismo de ataque aos padrões literários em vigor. Ao pôr em xeque seu próprio produto literário, a autora termina por evidenciar o modo como as personagens femininas eram representadas. Rodrigo é a epítome dos anseios burgueses masculinos. É por esta classe que ele se recalca; mas também é por ela que escreve.

Devo acrescentar um algo que importa muito para a apreensão da narrativa: **é que esta é acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta.** Afianço também que a história será igualmente acompanhada pelo violino plangente tocado por um homem magro bem na esquina. (Lispector, 1981, p. 33 – grifos nossos)

E ainda:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sair á de si para ver como é às vezes o outro. **Se é pobre, não estará me lendo** por-que ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. **Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia.** (Lispector, 1981, p. 39 – grifos nossos)

Rodrigo ressent-se em falar sobre a classe mais baixa a qual um dia já pertenceu, mas mantém-se no trajeto almejando que sua narrativa lhe torne bem visto entre os pares. Mesmo que a escritura lhe cause dor física, o prêmio final – a atenção da burguesia – é saboroso demais para que possa desperdiçar. Conforme outrora apontando pelos estudos de Lacan (1985), o recalque não é apenas uma repressão do desejo, mas uma inserção deste na estrutura simbólica, neste caso, inserido pelo autor na malha narrativa.

Novamente, é importante destacar que Macabéa é uma invenção de Rodrigo. Nesse sentido, se podemos considerar que o próprio narrador não é escolhido

pelo acaso por Clarice como narrador de *A hora da estrela*, isso significa que a escolha da nordestina como protagonista pelo autor também não. Rodrigo é tão consciente quanto Lispector e isso é evidente quando se trata como uma divindade. Sua onipotência lhe permite criar o que quiser sobre ela, logo se determina que todas as ações da datilografia serão vazias, a “burrice” de Macabéa faz parte do seu próprio projeto literário, ou seja, é um resultado direto da forma como decidiu criá-la: “Talvez porque sangue é a coisa secreta de cada um, a tragédia vivificante. Mas Macabéa só sabia que não podia ver sangue, **o resto fui eu que pensei**. Estou me interessando terrivelmente por fatos: fatos são pedras duras. Não há como fugir. **Fatos são palavras ditas pelo mundo**” (Lispector, 1981, p. 89 – grifos da pesquisadora).

Estranhamente, a criação de Rodrigo S. M. também o deixa envaidecido por lhe conceber esse *status* de grandeza divina. Apesar da construção da personagem e revisitação da sua classe, há momentos em que o narrador manifesta grande afeto sobre ela, resultando um admirável contraste: se para a sociedade a nordestina não importa pois “não faz falta a ninguém” (Lispector, 1981, p. 36), para o autor, apenas ele poderia vê-la “encantadora. Só eu, seu autor, a amo” (idem).

Uma leitura mais atenta do texto, levando em consideração as condições de produção do narrador aqui estudadas, indica que o afeto que Rodrigo S. M. manifesta por Macabéa, não é simplesmente uma emoção direcionada à figura fictícia, mas sim uma expressão derivada da sua posição de controle da história. Nesse contexto, o simbolismo reside na própria ideia de recalçamento para Lacan (1985) pois através de sua obsessão pela linguagem que Rodrigo regozija de seu próprio poder de criação, amando sua criatura, mesmo que a existência dela em si lhe seja insuportável: “Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças” (Lispector, 1981, p. 26).

Diante da citação acima destacada, se retornarmos a discussão de Rancière sobre o inconsciente estético, o autor afirma que psicanálise só foi possível pois a literatura já tinha deixado claro a existência de um saber que não era explicado pela lógica, ou ainda, um não saber que também produz um conhecimento distinto daquele racional. Em outras palavras, se admitirmos que Macabéa é um **não saber** podemos assumir que ela está em atrito com o **saber** complementando-o na feitura da composição literário, criando uma relação simbiótica ao qual uma precisa do outro para conseguir viver dentro do texto. Dessa maneira, muito embora Rodrigo deleite-se com seu poder sobre Macabéa, também aparenta sentir-se impossibilitado de ajudar a moça a superar as barreiras do Destino e, conseqüentemente, lhe dar mais espaço para tornar a narrativa sobre si mesmo.

Ao contar a saga de Macabéa, S. M. apresenta uma violência material e simbólica desmedida sucedendo uma série de fatos que rebaixam sua criatura a uma posição parasita no seio social. Em todas suas relações interpessoais, a nordestina não é poupada de sofrimento, tornando sua existência miserável mesmo que não tenha consciência disto. E seu deus, Rodrigo, sente-se culpado de não conseguir fazer nada para impedir que tudo lhe aconteça: “E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça” (Lispector, 1981, p. 32).

Refletindo sobre a ambigüidade de ambas as afirmações (onipotência *versus* impotência) e alinhando-as aos sentimentos reprimidos, a contradição de Rodrigo é resultado direto daquilo que deseja alcançar com seu texto. Ao escrever para as classes mais altas, o autor demonstra a impossibilidade de Macabéa ascender socialmente, reservando para ela um destino miserável que ninguém, nem mesmo ele, poderia contornar. Em termos de comparações estéticas, se para o Realismo do século XIX as mulheres adúlteras eram impedidas de viver em sociedade em virtude de suas traições, por exemplo, para o escritor do século XX a classe baixa deve ser impossibilitada da vida plena. Tal qual Luiza em *O primo Basílio*, o único destino



possível de Macabéa é morte. E nesse cenário, ao entender o significado da vida, esta é arrancada da nordestina ao qual jamais seria permitido seu direito de viver.

Macabéa me matou. Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo (Lispector, 1981, p. 88)

Nos derradeiros momentos, Rodrigo manifesta mais uma vez a relação simbiótica com Macabéa aludindo para o fato que a morte dela, também significa a sua, pois caracteriza o fim da narrativa. Entretanto, mesmo em suas últimas falas, o narrador não resiste ao impulso de evidenciar seus sentimentos em primeiro plano. A morte de Macabéa é na verdade a morte de sua jornada como escritor – logo de seu poder divino. Então o narrador prolonga a narrativa em mais duas páginas, sempre retornando aos próprios sentimentos. Até mesmo nos momentos finais, disputa com a nordestina pelo centro da narrativa e claramente vence. *A hora da estrela* não se trata do momento em que Macabéa torna-se parte do cosmo, sim de quando Rodrigo, finalmente, acredita que irá alcançar o que sempre desejou: a posição célebre entre seus pares sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hora da estrela é uma prova substancial do brilhantismo de Clarice Lispector. Ao fundamentar seu texto, a autora propicia uma gama de significados permitindo que o leitor seja capaz de complementar o significado da trama e entender os diferentes mecanismos utilizados para a confecção da tessitura narrativa. Longe de querer apontar a fortuna crítica da obra como distante do real significado, o presente trabalho de pesquisa visou oferecer mais um olhar acerca das personagens que compõem o texto, principalmente em favor de Rodrigo S. M., o narrador.



Apoiando-nos nos estudos de Freud (1923) sobre a construção do sujeito e o papel do inconsciente, pudemos apontar como Rodrigo encontra-se em um estado mental desequilibrado que o faz desenvolver manias e adquirir um senso distorcido de realidade. De forma complementar, a partir dos estudos de Lacan (1981), fomos capazes de ressaltar que a natureza da neurose do narrador gira em torno da linguagem, pois ao entender seu potencial criacional, se apropria da fala e compete com a dita protagonista, Macabéa, pelo centro da narrativa. Não apenas isso, manifesta sua criatura como uma parasita social pois o autor busca, através de sua obra, o reconhecimento e aprovação das classes mais altas.

Rodrigo S. M. é o ponto crucial para entendermos a obra. Através dele, Lispector força o leitor desafia as lógicas burguesas androcêntricas fazendo-nos questionar a legitimidade do discurso do narrador. A representação de Macabéa não pode ser considerada totalmente verdadeira, pois a retirante nordestina não possui uma voz verdadeiramente ativa na trama. O narrador nos mostra apenas aquilo que deseja e seus retratos mentais não são livres preconceitos.

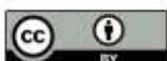
Em conclusão, a obra se estabelece através de um paradoxo. Macabéa está à deriva de Rodrigo, ao mesmo tempo em que Rodrigo está à deriva de seus próprios preconceitos. E no fim das contas, Lispector parece ser bem clara: é Rodrigo a verdadeira estrela.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A Personagem**. Editora Ática, 3ª edição, São Paulo, 1985.

FREUD, Sigmund. O ego, o id e outros trabalhos. In: **Obras completas de Sigmund Freud – Volume XIX**. Imago Editora, Rio de Janeiro-Brasil, 2006.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: **Obras Completas – Volume 12 – Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. Tradução Paulo César de Sousa. Companhia das Letras, São Paulo-Brasil, 2010.



FREUD, Sigmund. O Recalque. In: **Obras psicológicas de Freud**. Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Trabalho original publicado em 1915).

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 3 as psicoses (1955-1956). Tradução Jacques-Alain Miller. Editora Zahar, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1985. (Trabalhos originais publicados de 1981).

LISPECTOR, Clarice. **A Hora Da Estrela**. Editora Rocco, Rio de Janeiro-Brasil, 1981.

LOPES, Paulo César Carneiro. O narrador/profeta em A hora da estrela, de Clarice Lispector – aproximações entre Moisés, os profetas e Rodrigo S. M. **Revista Fronteira**, nº 21, 2018.

PISETTA, M. A. M. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2008, 28 (2), 404-417.

TEPERMAN, D. W. Do desejo dos pais ao sujeito do desejo. **Estilos Da Clinica**, 4(7), 151-158, 1999. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v4i7p151-158>

RANCIÉRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. Editora 34, São Paulo, 2009.

ROSENBAUM, Judith. Clarice Lispector. **Publifolha**: Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S/A. São Paulo, Brasil, 2002.

